

## A FILOSOFIA PURA É ONTOLOGIA

*Alécio Vidor*

### 1 INTRODUÇÃO

*E*ste capítulo intenciona sugerir uma revisão da consciência formada pela cultura, para adequá-la à evidência do mundo-da-vida.

Parmênides já nos forneceu a base do verdadeiro saber, mediante o princípio: “O ser é, o não-se não é”, e Husserl, mediante o processo redutivo da” nos leva a ver como resgatar a evidência imediata que dá origem à fenomenologia do saber verdadeiro.

Pelo texto pode-se compreender que a objetividade científica necessita de uma subjetividade objetiva, conforme evidencia a percepção do campo semântico na Ontopsicologia. O intuito do capítulo, portanto, é propor uma Ontologia para que a lógica do ser e do saber sejam coincidentes.

### 2 REVISITANDO A FILOSOFIA PARA CHEGAR À FILOSOFIA PURA – A ONTOLOGIA

*P*ara Aristóteles e Cícero a Filosofia tem origem no desejo e na curiosidade naturais de conhecer a verdade, porque conhecendo a verdade o homem orienta-se para viver bem. O desejo de conhecer a verdade ou as coisas universais e viver bem são impulsos que derivam da espontaneidade natural do ser humano.

Se o homem reflete a verdade que nasce do seio da própria identidade ele aprende como agir para construir os valores da própria existência e realizá-la. Conhecendo a si mesmo, as coisas e as razões das mesmas, o homem usufrui de um prazer ordenado.

Quando o homem conhece as coisas em base à causa primeira ou última que é seu ser, ele aprende administrar a própria existência em vantagem da vida pessoal e social. Esse conhecimento denomina-se sabedoria, do

latim: (+, +) significa saber a ação do ser. A sabedoria exige do sujeito saber as coisas enquanto servem ao ser humano ou enquanto elas são úteis e funcionais para realizá-lo. O termo filosofia (+) significa amar o saber que se origina da ação do ser. A essência do ser ou alma, ao variar, irradia a verdade e o seu intelecto a reflete e ilumina o que é bem fazer. O ser, a verdade e o bem convergem em unidade. Portanto, o ser, a verdade e o uno são conversíveis, visto que o ser é uno, é verdadeiro e bom.

Tudo que brota do seio do ser proporciona aumento e aperfeiçoamento pessoal, mas tudo o que destoa de sua intenção ofende o valor pessoal e humano, porque altera e reduz sua forma, falsifica a verdade e dá origem ao mal; impedindo a convergência das partes ao todo que é uno. “Tudo aquilo que na vida é igual a mim, eu devo procurar acolher porque é a vida que quer” (MENEGETTI, 2009, p. 295).

Enquanto o ser humano reflete a ordem e a espontaneidade da própria natureza ele faz Filosofia pura ou projeta saber ontológico, porém no momento em que o ser humano passa a servir-se apenas de códigos fixos assimilados pela consciência e embasados em pressupostos não evidentes, ele projeta modos mentais impróprios à sua vida. Nesse sentido a verdadeira filosofia não coincide com a história dos pensadores, que apresentam opiniões filosóficas desprovidas de fundamento evidente. Esse fenômeno acontece porque o homem, embora tenha nascido em base à realidade da própria natureza, possui uma consciência formada e estruturada pelos estereótipos de uma sociedade, de uma coletividade.

Os adultos próximos à criança transmitem os modos da própria consciência e, por meio desses modos, a criança aprende a interpretar a si mesma, e a ler o mundo sempre segundo um esquema pré-determinado que lhe foi transmitido como de valor único e absoluto. O esquema, uma vez fixado mediante memorização, embora se mantenha esquecido, passa a coordenar os modos conscientes, e esse aprendizado não mais permite mudar a própria personalidade e a pessoa-esquemática tende a adaptar os fatos da realidade a um modo de pensar que sacrifica a própria vida, quando não a degrada ou destrói.

Uma vez constatado esse fato psicológico, torna-se evidente que há uma distinção entre filosofia pura ou autêntica e uma filosofia de opiniões ou inautêntica, porque esta reflete um subjetivismo tendencioso. Sempre que o filósofo intenciona confirmar ideias pré-concebidas e desprovidas de evidência ele busca arranjar os fatos a seu modo de pensar e construir

a lógica de suas elucubrações. A lógica não é suficiente para dar valor de verdade à Filosofia.

Comumente, a história da Filosofia apresenta opiniões de filósofos, porque suas ideias sempre estão comprometidas com convicções e ideologias assumidas e a consciência mediante a cultura aprendida tende a sacrificar a verdade em defesa de compromissos de ordem política, social, nas quais impera uma ideologia fixa. Com frequência as ideias limitam-se a ser projeções do arquivo de uma memória oculta ou inconsciente e não correspondem a uma evidência imediata que as sustente. Uma vez formadas tais ideias insemina-se novas mentes que por adesão afetiva as adotam como próprias.

Com esta análise não se afirma que na história da Filosofia, todos os filósofos produziram tão somente projeções falsas. Muitos deles tiveram lampejos intuitivos de sabedoria e valor humano, e vários deles transmitiram aspectos autênticos de conhecimento que são de valor para humanizar. Para verificar esse fato basta conhecer a história de vida individual de um autor, porque a vida individual de um pensador nos leva a ver os valores decorrentes de vida e os valores avulsos a ela, decorrentes de complexos pessoais inconscientes ou conscientes.

Nosso intuito, no entanto, é o de examinar em que condições o ser humano pode elaborar uma filosofia ontológica, ou melhor, construir lógica em base ao ser que é. Heráclito, Parmênides, Husserl e outros já perceberam a necessidade de aclarar a consciência de compromissos afetivos, de dependências ideológicas e de um arquivo inconsciente que se antecipa e interfere na lógica consciente de um pensador. Essas interferências excluem a percepção das linguagens da vida, tais como os sonhos, as disfunções orgânicas, etc.

Husserl, mediante a redução fenomenológica, constatou que o homem perdeu o contato com o mundo-da-vida e que seria necessária uma psicologia para tornar a consciência exata, restabelecendo seu contato com o mundo-da-vida para que o ser humano refletisse o que é original da essência do homem. Para Husserl, o Eu real ou transcendental pode ser reencontrado, tornando-se luz do saber, somente depois de superar (= é) todas as fenomenologias.

Em seu livro intitulado “A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental” (manuscrito principal data ao período de 1935-1936) (HUSSERL, 1961), ele traça um percurso com a intenção de

reencontrar o fundamento que sustenta o valor do conhecimento humano verdadeiro, e para isso, apela a uma nova psicologia com a tarefa de resgatar o fundamento do verdadeiro conhecimento, de modo consciente.

Se constatarmos que os erros sempre derivam de um modo de ver e interpretar da consciência, é necessário um processo de autenticação da mesma, para que transpareça na consciência o mundo-da-vida. Considerando que a consciência sempre se forma em base aos modelos sociais e culturais pré-existentes, e apoiada em tais estereótipos fixos o ser humano assimila pressupostos desprovidos de evidência para si, além de ideologias fixas, torna-se necessária uma revisão do Eu consciente. Os adultos de maior importância para a criança estabelecem as formas comportamentais que virão a ser assumidas pela criança por compensação e por adaptação.

A tarefa prioritária consiste, então, em suspender os juízos conscientes, desprovidos de evidência pessoal própria e, pela é abster-se de confiar nos fenômenos ou ideias fixas da consciência para fazer uma revisão do Eu, colocando em discussão o próprio Eu construído.

Pela é não se negam as evidências consideradas naturais, mas se “coloca entre parênteses” todos os fenômenos considerados válidos pelo modo de pensar consciente que não têm origem em uma evidência imediata e direta. Pela é temos que excluir pressupostos, ideias baseadas em convicções e crenças sem evidência radical imediata.

O primeiro pressuposto assumido como válido, sem que se examine, é a suposição de que a consciência está provida de exatidão e não necessita de revisão e correção. Por exemplo, é possível que aspectos inconscientes de um sujeito possam interferir e desvirtuar o modo correto de interpretar, julgar, e demonstrar da consciência. Se a consciência foi formada pela cultura constituída e pela opinião de outrem, ela não coincide com a própria experiência de vida que tem sua origem em uma evidência pessoal, descoberta e percebida.

Para resgatar uma consciência na qual transparece os valores do mundo-da-vida é necessário um processo redutivo até atingir a evidência imediata, encontrar a causa primeira na qual se origina a fenomenologia do saber científico.

A é, que consiste em um processo redutivo, procede por meio de três momentos contínuos, mas distintos. No primeiro momento processa-se a redução fenomenológica, colocam-se entre parênteses as pressuposições

de que nosso conhecimento consciente adquirido seja idêntico ao mundo externo, ao mundo que está diante e fora de nós. No entanto, o que de fato nós conscientemente sabemos, com evidência imediata, é que o saber consciente corresponde a um reflexo efetuado pela consciência. O que a consciência sabe é um fenômeno produzido por ela e que nela acontece, mas que por hábito é atribuído ao mundo externo. A evidência imediata que se tem é a do modo próprio de ler e interpretar consciente e que esse modo de pensar e ver, depois, é atribuído como se fosse idêntico ao mundo externo, sem que tal atribuição seja, de fato, evidente. O que a consciência conhece são fenômenos formalizados por ela mesma e que se mostram nela e para ela.

A pretensa objetividade científica psicofisicalista não se apercebe que antes de considerar objetivo o conhecimento, é necessário um exame de aspectos subjetivos desconhecidos e atuantes na consciência. Esses aspectos são referentes a uma intencionalidade do cientista/pesquisador<sup>1</sup>. A intencionalidade do pesquisador pode influenciar e forçar uma adaptação dos dados a um modo pré-concebido por sua consciência. O modo de ver ou de ler do sujeito pensante deriva mais de sua tipologia de consciência que de objetos externos.

Em um segundo momento é necessário reencontrar a consciência pura. Para isso, é indispensável verificar o modo de ser da própria consciência. Pela é, suspendem-se todos os juízos de valor e atos contingentes por ela efetuados, para verificar o modo de ser da própria consciência. A consciência em seu modo de ser é intencional porque sempre tende ou se orienta a um conteúdo, a um objeto imanente nela, sem examinar a si própria em seu modo de ser. Sendo intencional, a intencionalidade sempre diz direção e referência a um (conteúdo pensado).

A forma da intencionalidade determina os significados, formalizando os juízos do entendimento consciente. É necessário examinar se a consciência entende segundo a ordem da vida ou segundo convicções não evidentes. A consciência ao definir ou formalizar o que entende foi iluminada pela experiência provinda do mundo-da-vida ou deixou-se induzir por preconceitos pré-estabelecidos por memória latente e desconhecida? Se a consciência não for guiada pela intenção e

---

<sup>1</sup> Ao se remeter à figura do cientista/pesquisador, em primeira instância se faz menção ao próprio pesquisador científico, porém, em contexto mais amplo, estende-se a compreensão para abarcar também todo e qualquer operador do contexto social.

informação da vida, ela se mantém carente de fundamento real e por consequência emite opiniões desprovidas de valor científico, sendo que seu pensamento não mais tem origem na vida. A lógica e os raciocínios decorrentes de opiniões ou pressupostos desprovidos de evidência imediata perdem o caráter científico, porque sempre estão apoiados em convenções sociais, ou na autoridade de alguém ou em informações de outros, não examinadas, e, portanto, sem a evidência necessária para sustentar o valor do conhecimento.

A consciência necessita formalizar seu entendimento segundo a intencionalidade do mundo-da-vida para prestar um serviço de humanização, através do conhecimento. Enquanto o pensar não tem origem no ser e se atém a refletir estruturas de complexos latentes, o pensar torna-se alheio à vida, à saúde e à evolução pessoal, danificando o bem social. Enquanto a consciência é coordenada por um Eu fictício construído pela sociedade, ela não projeta a ordem da natureza porque perdeu o contato com o próprio real orgânico onde se revela o mundo-da-vida.

Em um terceiro momento devemos recuperar o Eu real. Pela é suspendem-se os valores dos “Eu”. Enquanto situados no mundo e construídos segundo hábitos de relações, esses “Eu” julgam sempre baseados segundo esquemas não evidentes para si. Os juízos emitidos por tais “Eu” correspondem a opiniões que alimentam conflitos entre si e divergem da ordem da natureza humana. Enquanto os “Eu” individuais divergem da real mente humana unitária, eles não espelham a ação do ser. A ação do ser revela o ponto de convergência para adequar-se ao que é útil e funcional tanto para viver como para conviver. O Eu real transcende aos “Eu” individuais e reflete uma subjetividade objetiva universal em que ser e saber coincidem.

O Eu real transcende as estruturas inconscientes de complexos e programas latentes e restabelece o contato da consciência com o fundamento que dá origem à fenomenologia do real em si do Ser. A verdadeira ciência tem o fundamento da vida humana como base de origem. A Psicologia tem como tarefa propor os meios e o método para adequar progressivamente a consciência do homem ao em si do ser, ao Eu transcendental. A Psicologia não pode limitar-se apenas a resolver a patologia, porque precisa saber o que identifica o humano para poder autenticá-lo. A tarefa da Psicologia é adequar a consciência do homem à sua capacidade ontológica e, isso exige o restabelecimento de nexo

com o princípio ôntico do homem. O Eu real ou transcendental é um significante isento de modelos pré-fabricados porque cria o modo de realizar a existência do homem no mundo.

A Psicanálise percebeu que a mente do homem estende-se para além da consciência e voltou seu olhar para o interior da vida, mas limitou-se a estudar os complexos e a origem da patologia e não teve condições de identificar as características fenomenológicas da essência humana, portanto, não conseguiu descobrir de onde nasce a exatidão do saber para o homem.

Faltou à Psicanálise, bem como à Psicologia Humanista a capacidade de decodificar, de modo científico, todas as linguagens da vida, visto ser esse conhecimento indispensável para adequar progressivamente o saber ao ser.

A Ontopsicologia é capaz de complementar a proposta filosófico-fenomenológica de Husserl, e de fazer a integração do saber científico, porque descobriu o meio e o método para restabelecer o contato da consciência com o Eu transcendental<sup>2</sup>.

A Escola Ontopsicológica descobriu o veículo de comunicação da vida com a vida: o campo semântico<sup>3</sup>. Mediante o conhecimento do campo semântico é evidente a continuidade e a unidade interna entre os indivíduos ou entre os corpos numa única natureza. A psique age no corpo e entre os corpos. A percepção dessa informação dinâmica torna evidente a realidade unitiva das individuações. A percepção do campo semântico abre a possibilidade de contato com o Eu transcendental, com o princípio original e originário do mundo-da-vida.

O Eu realiza as percepções que ocorrem no mundo, enquanto o Eu transcendental ou real aciona todas as formações perceptivas de sentido, por ser o constituinte de todos os “Eu” que no conjunto formam a comunidade do nós todos. Esse ego real se move como ator do mundo-da-vida. Esse ego é o constituinte único de sentido e do saber, é a base

---

2 Eu transcendental: princípio original e originário do mundo-da-vida (HUSSLERL, 1961).

3 Campo Semântico: “comunicação base que a vida usa no interior das próprias individuações” (MENEGETTI, 2008, p. 41). “O campo semântico é : transmite uma informação, uma imagem, um código que, quando chega, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoemotiva orgânica. Quando a informação transmitida chega sobre a unidade de ação receptora, a energia do receptor muda, formaliza-se em consequência da informação sofrida. ‘Transdução informática’ significa que , não dá a passagem de energia. Essa mediação de informação é sempre sinérgica: . Trata-se de uma distinção mais lógica que natural. Na natureza, energia e forma não são cindidas, mas coexistem, são inseparáveis. Racionalmente podemos pensá-las distintamente” (MENEGETTI, 2010, p. 183-184).

de origem de toda a fenomenologia científica.

A Ontopsicologia, com a descoberta do campo semântico, pôde formalizar os princípios das linguagens dos sonhos e da fantasia e das demais linguagens da vida e construiu o método para recolocar a consciência em contato com o em si do ser ou Em Si Ôntico. O Eu necessita transcender os complexos e as influências inconscientes que induzem a consciência a erros, para se deixar iluminar pela ação do Em Si Ôntico e organizar a filosofia pura ou Ontologia.

Na Ontologia a consciência elabora o saber deixando-se guiar pelo Eu real e formaliza um conhecimento exato segundo valores adequados à essência humana. Um saber dissociado do ser gera a alienação humana e distorce o processo de humanização. A Ontopsicologia resgata o fundamento da Ontologia, e essa propõe os enunciados primários do saber e os princípios supremos que fundamentam o conhecimento científico. Na Ontologia todo o saber é fenomenologia lógica do ser.

**REFERÊNCIAS**

- HUSSERL, E. **La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale**. Tradução: Enrico Philippini. Milão: Il Saggiatore, 1961.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.
- MENEGHETTI, A. **Dalla coscienza all'essere**. Come impostare la filosofia del futuro. Roma: Psicologica Editrice, 2009.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.